

ESTUDO INTERNACIONAL DAS

FRANÇA

ADMISSÕES NA UNIVERSIDADE:

COLÓQUIO

DE

ROYAUMONT

EXPOSIÇÃO

DO

PROFESSOR

FRANK BOWLES

br. 6  
8.2

ESTUDO INTERNACIONAL DAS  
FRANÇA  
ADMISSÕES NA UNIVERSIDADE:

Colóquio de Royaumont

Exposição do Professor Frank Bowles

Este estudo faz parte de um conjunto de pesquisas sobre o estado atual da educação, organizadas pela UNESCO e pela A.I.U. por intermédio de uma comissão especial. O fim dessas pesquisas é examinar como o ensino superior responde à procura, que é feita, por parte da sociedade, dos cursos por êle oferecidos. Essa procura é fruto de três transformações, surgidas nos últimos quinze anos com tal violência, que pode falar-se em explosões: explosão demográfica, explosão do saber, sobretudo do poder científico, explosão da riqueza.

A educação é o empreendimento que deve servir de catalizador para moderar essas explosões e convertê-las em valores humanos. Os presentes estudos esforçam-se por determinar como procede o catalizador: atraem a atenção para os problemas da educação e suas conclusões servirão de guia a desenvolvimentos ulteriores.

O problema particular da admissão foi escolhido pela comissão especial como assunto do primeiro estudo por várias razões que não posso examinar minuciosamente. Baste notar-se que duas formas de mudança ocorreram, durante os últimos quinze anos, nos sistemas de educação de todos os países. O primeiro foi o aumento das possibilidades materiais do ensino em tais proporções, que o recrutamento cresceu; o segundo foi o aparecimento de novos programas e até de novos tipos de educação, de sorte que se alteraram exigências e métodos.

Cada um desses dois tipos de mudança suscitou novas pressões no ponto em que o ensino secundário e preparatório deságua no ensino superior ou especializado. Verificou-se que, sob essas pressões, se tornaram inadequados os métodos de exame e de seleção que foram havidos por aceitáveis durante muitos a-

nos. Cresceu o mal-estar em matéria de operações de recrutamento. As Faculdades criticam a preparação feita pelo ensino secundário e consideram-na inadequada ou arcaica. As escolas secundárias acusam as Faculdades de aplicar normas pouco realistas, e os estudantes, colhidos entre umas e outras, não têm outro recurso senão verificar que lhes é cada vez mais difícil vencer os obstáculos e assimilar o programa que conduz às carreiras de sua escolha.

A situação, já difícil, promete tornar-se mais difícil ainda sob a ameaça, já real, de ver-se a inquietude dos estudantes transformar-se em pressões políticas, o que poderia modificar as exigências universitárias pela ação também política. Sempre que isso ocorreu, e há exemplos recentes, as mudanças sobrevindas foram mais enérgicas do que teriam querido, de sua parte, os educadores.

Estudamos o fenômeno das admissões por várias razões:

- 1º - antes de tudo, como já dissemos, novos problemas apareceram, e nós estinaríamos saber o que são, quais as suas causas e os seus efeitos.
- 2º - havendo assinalado os problemas, devemos também descrever as soluções que a eles serão dadas. Fazendo relatórios de tais experiências, trocaremos opiniões de grande valor para aquêles que devem elaborar os seus próprios métodos. Por exemplo: pensamos que o ano propedêutico, tal como está em vigor na França, é, de fato, uma forma de seleção dos estudantes. Eis aí uma das inovações mais importantes nesse domínio. Uma discussão se originará desse processo a fim de extrair-se dela um método susceptível de ajudar os países que defrontam tais problemas.
- 3º - Devemos estabelecer um método de estudo. Isso é indubitavelmente necessário para nós mesmos, mas já temos recebido, da parte de um grande número de órgãos ou de organizações interessadas nestas questões, pedidos de informações sobre esse projeto e

sobre os métodos que empregamos. Certamente, haverá outros pedidos. O estabelecimento de um método não é, portanto, um meio, mas um fim.

O método de estudo foi fundado em certas verificações pouco encorajadoras acerca da informação, das estatísticas e da bibliografia disponível sobre o assunto. Na maioria dos países, a admissão ao ensino superior não é senão o resultado da rotina da passagem da escola secundária para a Faculdade. Nenhum organismo de educação se ocupou jamais do problema das admissões, de forma especial; nenhum administrador o considerou como sua tarefa principal; nenhuma tentativa houve de incluí-lo entre os métodos de seleção (em verdade, rejeita-se frequentemente a idéia de que a admissão constitui uma forma de seleção). Os métodos utilizados nunca foram estudados como métodos, nenhuma estatística foi estabelecida sobre o assunto.

À vista dessas verificações, determinamos dois níveis de estudos. O primeiro, que tem por base dados numéricos, principalmente as estatísticas disponíveis em compilações internacionais, esforça-se por descrever os processos de admissão e analisá-los em termos gerais. O segundo nível de estudos é o de um estudo minucioso em doze países.

Em tais estudos examinaremos os fatos e sua interpretação numa forma utilizável para as comparações entre países. O estudo sobre a França é um deles. As pesquisas são levadas a efeito em conformidade com um plano de conjunto que autoriza ou até encoraja os grupos de estudo a insistir em seus problemas nacionais, sem prejuízo de oferecer certas indicações válidas para todos os países.

Quanto aos resultados do estudo, é evidentemente demasiado cedo para apresentar-se qualquer conclusão; aliás, não queremos desviar a vossa atenção dos problemas da educação na França, que ireis discutir. Há, entretanto, algumas observações, recolhidas num contexto mais amplo, as quais desejo apresentar-vos:

1º - A expansão da educação, que é um fenômeno quase universal, tem suscitado novas esperanças e novas possibilidades a centenas de milhares, talvez até de milhões de moços e

moças pelo mundo afora. Pela primeira vez, vêm êles nos progressos da educação uma promessa de poderem, em sua condição de indivíduos, levar uma vida mais rica e mais densa do que a que esperavam. Tais indivíduos constituem já importante fôrça de pressão sôbre as instituições de ensino superior, e é seguro que, em menos de uma geração, seu grupo aumentará a pressão muito além do nível atual.

Entretanto, muitos dos que percebem essas possibilidades e até, talvez, delas se aproveitem de um modo ou de outro, não poderão realizar as suas esperanças. Alguns são faltos das aptidões necessárias para ir mais longe, ao passo que outros não podem beneficiar-se com as facilidades existentes: as possibilidades novas suscitam, portanto, novos problemas.

Muitos dêsses problemas devem ser tratados pela orientação. Vale dizer que as aspirações pouco realistas devem ser ajustadas ao real, mediante conselhos individuais e auxílio na formulação de outros projetos. Mas a orientação não é uma ciência. Está, em verdade, próxima da arte, no mesmo sentido em que a educação é uma arte. Mas, onde quer que a classifiquemos, é certo que sabemos poucas cousas sôbre ela e teremos de realizar muitos progressos antes de poder utilizá-la corretamente.

2º - É evidente que a admissão no ensino superior se torna mais estritamente seletiva e seus pontos de seleção tendem a intervir mais tarde na escolaridade. Podem afirmar-se que o nível de entrada no ensino secundário era um ponto de seleção essencial para o ensino superior. Era o momento em que os alunos da escola primária a deixavam, ou entravam em um ciclo de ensino que não preparava para o ensino superior, ou, então, se matriculavam no ginásio, no liceu ou em qualquer outro tipo de escola que preparava para estudos mais avançados. Hoje, podemos observar que, enquanto a seleção persiste sempre nesse nível, particularmente na Inglaterra, existem também pontos de seleção suplementares antes da integração definitiva dos estudantes no ciclo de estudos que conduz à carreira por êles escolhida.

A primeira dessas seleções está no próprio curso secundário, que, em cada país, elimina um número nada desprezível de estudantes.

O segundo ponto de seleção é o tradicional exame

de fim de escolaridade (fim do curso secundário): Abitur<sup>(1)</sup>, bacharelado, artium ou qualquer outro diploma acadêmico plenamente admitido.

O terceiro ponto da seleção, relativamente novo em muitos países, assume a forma de exames especiais organizados por uma Faculdade determinada, exame que o estudante tem de vencer depois de haver obtido a sua qualificação de base, mas antes de ser admitido a estudar nessa Faculdade.

O quarto ponto de seleção, também relativamente novo, mas a ganhar popularidade rapidamente, é o acréscimo de um ano de estudos universitários que o estudante tem de vencer antes de ser admitido no ciclo que conduz à carreira de sua escolha. Muitos não reconhecem esse ano como um ponto de seleção, mas será o caso de perguntarmos como descrevê-lo de outra maneira.

Não falaremos mais longamente no nosso ponto de vista sobre esse estudo, porque tendes muitos assuntos para discutir segundo as vossas próprias perspectivas. Entretanto, antes de concluir estas observações, queremos render os nossos agradecimentos publicamente a três homens que nos ajudaram generosamente em nossa tarefa. Um, o Senhor Gaston Berger, primeiro presidente da Comissão de Especialistas de Estudo, dirigiu as primeiras reuniões que determinaram a forma, a tendência e o objeto. Sua morte trágica foi uma perda muito difícil de suportar. O segundo, o Senhor Jean Thomas, chegando à Comissão após brilhante carreira na UNESCO, ofereceu generosamente o seu tempo, não só para as pesquisas de que falamos hoje, senão também comentan-

---

(1) Palavra usada na Alemanha para indicar o final de 12 anos de escolaridade (parte de grau primário, parte de grau secundário). É latina, significa ausentam-se, vão-se embora ou vamos embora, e é a forma unipessoal passiva do verbo ābīto, ās, āvi, ātum, āre, (ir-se, ausentar-se amiúde) em contradição em Plauto, que é, por sua vez, forma intransitiva frequentativa de ābēo, īs, īvī ou īī, ītum, īrē (ir-se embora, retirar-se, ausentar-se, etc.). N. do T.

do as idéias e problemas suscitados por um estudo mais vasto em que o relatório francês encontrará o seu lugar. Enfim, o Sr. Michel Debeauvais trouxe a essas matérias seus dons pessoais e t<sup>o</sup>da a sua atenção, fazendo, assim, contribuição essencial ao que considero como acontecimento extremamente importante nas pesquisas s<sup>o</sup>b<sup>re</sup> a educação.

Terminando quero dizer quanto aprecio o privilégio de encontrar-me aqui entre v<sup>o</sup>s. Acrescentarei ainda a minha certeza de que, embora se trate aqui da primeira grande conferência s<sup>o</sup>b<sup>re</sup> os problemas da admissão na universidade, não será ela a última.

O inquérito internacional propõe-se concentrar sua atenção no "acesso" ao ensino superior. Vários problemas estão ligados a êle, os quais devem ser examinados do ponto de vista da preparação dos estudantes para o ensino superior e do ponto de vista da orientação dos efetivos, que aumentam sem cessar, de candidatos: orientação durante os seus estudos, orientação em função das carreiras.

As discussões do colóquio versaram principalmente sobre a preparação dos estudantes, sobre o acesso à universidade, particularmente o problema da propedêutica, sobre a orientação dos estudantes em função das indicações oferecidas pela previsão econômica, levadas em conta as missões da universidade.

## I - OS PROBLEMAS DA PREPARAÇÃO DOS ESTUDANTES

As respostas ao questionário levantavam essencialmente duas espécies de problemas:

1) - Quais são as dificuldades que defrontam os estudantes ao atingirem o limiar do ensino superior? - É o problema do nível, apreciado globalmente, e é também, de maneira qualitativa, o de sua formação geral ou de sua bagagem de conhecimentos.

2) - Que espécies de melhoramentos podem ser considerados? Como definir as exigências novas do ensino superior? São essas exigências as mesmas nas várias disciplinas? Quais são as funções essenciais do ensino preparatório, quer se trate do ensino de grau secundário, quer se trate da propedêutica na medida em que tal ensino preparatório é a si avocado pelo ensino superior?

### A - O problema do nível dos estudantes

Esse problema levanta-se com uma acuidade particular em razão do afluxo dos efetivos egressos do curso secundário.

Porque o ensino do 2º grau se torna um ensino de massa, não pode atribuir a si próprio, como única missão, preparar futuros estudantes para receberem ensino de grau superior. Deve também dotar os que passam pelo ensino de 2º grau de uma formação e de uma bagagem de conhecimentos tais, que lhes torne possível entrar na vida ativa. Comparado com os conhecimentos dos estudantes, o nível parece superior ao que era: os conhecimentos prévios requeridos dos estudantes são de nível mais elevado que outrora: os conhecimentos que os exames procuram verificar e de que os programas dão testemunho são igualmente de nível mais elevado. Os estudantes sabem mais ao chegar e aprendem mais desde o seu primeiro ano de ensino superior. Mas a bagagem dos conhecimentos por eles assimilados não pode aumentar tão rapidamente como o saber humano.

Eis porque, se se correlaciona o nível dos estudantes, não com sua bagagem de conhecimentos, mas com sua aptidão para aumentá-la, a impressão é menos favorável. Se a bagagem do estudante é mais respeitável do que outrora, sua adaptação às exigências do ensino parece menos satisfatória.

É, antes de tudo, efeito de um recrutamento novo, o de um ensino de massa. Outrora, faziam-se matemáticos os que tinham o gosto ou o gênio das matemáticas; hoje, trata-se de formar "técnicos" das matemáticas na massa dos que querem aprender uma profissão. O crescimento dos efetivos faz crescer normalmente o número dos estudantes dotados, mas paralelamente o dos estudantes menos dotados.

É também efeito da evolução das próprias disciplinas. Assim, certas matérias, que se prestam à formalização matemática, permitem uma formulação mais condensada, uma aprendizagem mais rápida, ao tempo mesmo em que penetram nos costumes. Ao contrário, em outras disciplinas, como a geologia, nada veio aliviar o esforço do cérebro humano, quando o progresso dos conhecimentos se aceleravam. Nada se perde nisso, e o volume dos conhecimentos dobra de vinte em vinte anos, de modo que a carga que pesa sobre o SPCN se torna terrível.

Assim, é necessário examinar qualitativamente as

insuficiências do estudante, tais como resultam de sua formação prévia, na optica de sua adaptação às exigências do ensino superior.

#### B - As dificuldades de adaptação do estudante

Pelo geral, notam-se nos estudantes certas dificuldades, independentemente das possíveis lacunas na sua bagagem de conhecimentos. Entre as observações feitas mais frequentemente, nota-se que eles não sabem trabalhar em conjunto, redigir com clareza ou documentar-se metódicamente. Sublinham-se as fraquezas da expressão oral, quer no manejo da sua própria língua, quer no das línguas estrangeiras. Eles têm dificuldades de atenção contínua. Observa-se também motivação pessoal insuficiente, a qual limita as suas iniciativas.

Para vencerem-se tais dificuldades, seria necessário fazer-se uma opção difícil entre saber e cultura, entre formação geral e bagagem de conhecimentos, entre qualidade e quantidade. Parece, por vezes, que se dá importância demasiada, nas definições dos programas, antes ao conjunto dos conhecimentos úteis do que à formação geral, ou seja, à cultura.

#### C - Pesquisas em vista

Foi sugerido que se deixasse de lado essa contradição entre qualidade e quantidade, ao analisar-se a relação que existe entre a estrutura do saber e a capacidade de inovação. Então, não se trata mais de comparar níveis historicamente indicados, mas de avaliar, hoje, a adaptação da formação dada pelo segundo grau às necessidades da cultura atual. Trata-se, sobretudo, de pesquisar que estrutura devem ter, num cérebro, conhecimentos cuja associação é bastante enciclopédica, para que êsse cérebro fique apto para a criação intelectual e capaz de passar do conhecido para o desconhecido. Isso é possível. As ciências positivas conseguem condensar-se na formulação das teorias — chave: é, ao mesmo tempo, uma operação científica e uma operação pedagógica que faz crescer o rendimento da formação.

Mais geralmente, trata-se de indicar as dissimetrias nas aprendizagens, assinalando-se que a aprendizagem de A facilita a aprendizagem de B, mas que a recíproca não é verdadeira. Dessa forma, chegar-se-á a definir operações-chave e a estrutura do saber mais conforme às exigências da cultura.

Uma abordagem mais histórica encaminha-se para o mesmo programa de pesquisas: trata-se de definir um denominador comum entre o passado, o presente e o futuro, adaptando o humanismo à cultura de amanhã.

#### D - O ensino de segundo grau como preparação para o ensino superior

Somos, assim, levados a distinguir diversas funções no ensino de segundo grau: não é para surpreender que o ensino superior se preocupe com essa questão, a qual lhe diz respeito por dupla razão, primeiro por que, acolhendo os produtos do ensino do 2º grau, ele está em posição de utilizador e de cliente; depois, porque, formando os professores do ensino de 2º grau, está em posição de fornecedor.

Quatro pontos têm sido sublinhados:

1 - oferecer um método de trabalho e de pensamento: método de aquisição de conhecimentos;

2 - oferecer conhecimentos de base: ao mesmo tempo sumários e concretamente adquiridos, visitas a usinas como a museus, e diversificados em um largo leque: literário, científico, técnico;

3 - permitir que os estudantes ordenem e situem a massa das informações e conhecimentos que o mundo exterior lhes traz até à escola; e

4 - oferecer um panorama real da vida moderna, da multiplicidade das atividades humanas e das profissões.

II — O ACESSO AO ENSINO SUPERIOR

A seleção dos estudantes não se apresenta apenas no nível de bacharelado; a propedêutica, seja qual fôr o seu papel de formação complementar, elimina a metade dos estudantes. Será culpa dos estudantes, será do ensino de grau secundário, será da propedêutica? Esta última aparece, em todo caso, tanto na qualidade de instrumento de seleção eliminatória como na qualidade de instrumento de formação. É a verdadeira porta de acesso ao ensino superior.

O exame do acesso ao ensino superior deve, portanto, visar principalmente a propedêutica. A criação de vias de acesso além do bacharelado, tais como o novo exame de admissão nas faculdades permitido aos não-bacharéis, corre o risco de não produzir efeito satisfatório.

A - A propedêutica como meio de seleção

Se o acesso ao ensino superior é o exercício de um direito criado pelo bacharelado, a missão da propedêutica é, antes de tudo, oferecer uma formação complementar que vise o ensino superior, e não eliminar cinquenta por cento dos afetivos de estudantes.

Ainda admitindo-se, o que não é certo, que os eliminados sejam realmente inaptos para os estudos superiores, é possível imaginar-se um primeiro ciclo de ensino dêsse grau que formasse quadros técnicos e médios ou mestres para o primeiro ciclo do ensino de 2º grau, e valorizarem-se os conhecimentos adquiridos no curso de um ou dois anos de propedêutica com um ano mais de formação.

Se a propedêutica tem, incontestavelmente, um efeito de seleção, não se compreende bem o que seleciona e em função de que. Os estudantes escolhem algumas vezes uma dada propedêutica conforme a sua reputação de facilidade, por forma que os seus estudos são orientados e pré-determinados por escolhas pouco ra-

cionais. Nesse particular o isolamento das propedêuticas reproduz os inconvenientes dos isolamentos dos diversos tipos de bacharelado.

### B - A propedêutica como meio de formação

A propedêutica é indispensável complemento de formação; pode também desempenhar precioso papel de orientação.

#### 1 - O complemento da formação anterior

Na medida em que a formação recebida no 2º grau deixa de satisfazer as exigências do ensino superior, é necessário admitir a necessidade de um complemento de formação.

a - Não se examina, aqui, a questão de saber a quem cabe ministrar essa preparação complementar, se ao ensino superior, se ao ensino de 2º grau, tal como êste faz nas classes de preparação das grandes escolas; mas, na medida em que a própria universidade define, sob sua responsabilidade, o nível no qual entende que deve recusar os estudantes, ela arca também com uma responsabilidade na tarefa que consiste em levar a tal nível aquêles que preenchem as condições de acesso ao ensino superior. Verifica-se que atualmente é o ensino superior que, em grande parte, assume êsse encargo, tanto pela propedêutica como pela promoção superior do trabalho.

b - Êsse complemento da preparação anterior é, ao mesmo tempo, um suplemento de formação. O estudante que passa um ou dois anos preparando M G P ou M P C adquire conhecimentos e técnicas novos que serão valorizados no ciclo da licença. Se admitirmos que nem todos atingirão a licença, será indicado valorizar essa formação suplementar num ciclo curto que conclua pela concessão de diplomas menos ambiciosos, que a universidade tem o dever de definir. Por conseguinte, o conteúdo dessa formação suplementar terá sido concebido de tal maneira que as aquisições do ano propedêutico sejam elementos válidos num conjunto mais modesto de conhe-

cimentos, do tipo do diploma de estudos superiores técnicos concedido na conclusão de um ciclo curto.

2 - O primeiro ano do ensino superior pode, assim, ser a plataforma giratória da orientação. A articulação dos ciclos, a definição do seu conteúdo, a organização dos exames que os sancionam, devem permitir que os estudantes se encaminhem para as vias correspondentes à melhor utilização dos recursos intelectuais do país.

### III - A ORIENTAÇÃO

Convém também examinar os problemas da orientação em função das carreiras que os estudantes encontrarão na economia e para as quais são necessárias previsões a longo prazo, que levem em consideração estruturas e finalidades próprias da universidade, pois que esta não é somente a provedora da economia.

Os trabalhos do Comissariado do Plano oferecem dados para o exame destes problemas. Revelam que o temor da falta de trabalho intelectual parece mal fundado, já que o crescimento dos efetivos de estudantes é menos rápido que o das necessidades de quadros superiores, mas a adaptação do ensino superior às necessidades da economia só pode ser global, e não determinada por disciplinas e por setores econômicos.

De outra parte, têm sido lembradas as finalidades próprias da Universidade, bem como o interesse que haveria em estudar suas estruturas na medida em que contribuam para determinar a orientação dos estudantes.

#### RELATÓRIO SINTÉTICO DOS TRABALHOS DO I GRUPO:

##### ENSINO SECUNDÁRIO

Do ponto de vista do ensino superior, o secundário, que se torna um ensino de massa, levanta dois problemas principais:

como se poderiam preparar melhor os estudantes para as exigências novas do ensino superior? Como formar os professores do ensino secundário? O colóquio estudou essas questões com o objetivo mais de indicar perspectivas futuras do que de preconizar soluções imediatas ou reformas precisas. Os problemas do ensino primário não foram abordados.

1 - OS ESTUDANTES

Os professores do curso superior verificam, em geral, que a maioria dos estudantes tem um conjunto de conhecimentos desconexos mal assimilados, mas que não possuem base sólida, particularmente no que diz respeito aos meios de expressão (expressão oral e escrita, linguagem matemática, língua viva), nem um fundo de cultura comum.

Dêsse ponto de vista, o ensino secundário deveria procurar quatro objetivos principais:

A - A aquisição dos conhecimentos de base

1 - Os meios de expressão:

- a) mecanismos da língua francesa, precisão dos termos, faculdade de expressão escrita e oral. Isso deve ser distinguido do ensino da literatura francesa;
- b) linguagem matemática, principalmente algébrica, que é, ao mesmo tempo, um instrumento de análise e uma linguagem comum; e
- c) língua viva, como instrumento de comunicação internacional.

2 - Um fundo de cultura comum:

Definido como um mínimo de conhecimentos necessários, e não como uma soma de conhecimentos enciclopédicos, das disciplinas fundamentais: literaturas, história e geografia, ciências experimentais e naturais, etc.

B - A aquisição dos métodos de pensamento e de trabalho e a formação do caráter

A essa base comum deve acrescentar-se um ensino mais diversificado, susceptível de ser objeto de opções; nesse estágio, deve ser deixada aos professores grande latitude na escolha dos programas e dos métodos, porque não se trata de definir o programa dos conhecimentos que devem ser ensinados, mas de desenvolver as aptidões do aluno: formação do raciocínio (geometria, etc.) observação e experimentação (ciências exatas e naturais, etc.) imaginação (artes, literatura).

C - A incorporação do mundo extra-escolar à educação

Os conhecimentos que o menino adquire provêm cada vez mais do mundo em que ele vive fora do estabelecimento escolar; os meios de comunicação de massa desenvolvem atitudes passivas. A educação deveria ajudar os alunos a pôr ordem nessa massa de informações, a desenvolver atitudes ativas e críticas e a tirar partido de seus gostos pessoais.

D - A informação sobre a vida social e profissional

A informação sobre as carreiras é condição essencial da orientação. Essa informação deveria ser dada pelo ensino secundário, que estaria, assim, mais ligado à vida. Ela não supõe apenas uma documentação atualizada, mas também visitas variadas. Poder-se-ia, dessa forma, lutar contra as atitudes tradicionais, que estabelecem uma hierarquia entre carreiras intelectuais e manuais, e dar ao aluno elementos de informação consideráveis sobre as diferentes carreiras.

Essa função da educação pode ser assegurada em cada disciplina; constitui aspecto importante da educação cívica.

## 2 - OS PROFESSORES

A aplicação dos princípios precedentes requer aptidões especiais da parte dos professores e a êles confere responsabilidades maiores.

### A - Recrutamento dos professores

A necessidade de recrutar um número cada vez mais elevado de professores não deve levar-nos a esquecer que essa profissão exige uma vocação. A melhoria da condição material dos professores não seria suficiente, se o interêsse do magistério não fôsse sustentado pelo exercício de uma responsabilidade maior, o que supõe um centralismo menos exagerado dos programas e dos métodos. É nesse sentido que pode ser considerada uma revalorização da função magisterial.

### B - Formação pedagógica dos professores e seu aperfeiçoamento

Se a pedagogia é, em grande parte, questão de aptidão pessoal e de experiência, nem por isso é menos verdadeiro que é indispensável uma formação pedagógica que leve em conta aquisições recentes nesse domínio. Conviria notadamente:

- considerar as aptidões e a vocação pedagógicas na orientação dos estudantes para o magistério;
- introduzir um ensinamento pedagógico mais avançado na formação dos professores;
- assegurar o aperfeiçoamento, a atualização dos conhecimentos dos professores em exercício.

A rede dos I.P.E.S. e dos C.P.R. poderia ser largamente aproveitada para êsses efeitos.

O nível de formação dos professores poderia, além disso, ser diferenciado de acôrdo com os ciclos de ensino, levando em conta as exigências particulares das diferentes disciplinas.

### 3 - OS PROBLEMAS DE ORGANIZAÇÃO

#### A - Programas e horários

Importa partir das possibilidades e das exigências sociológicas do estudante no estabelecimento dos horários e na distribuição dos dias de folga. Ao lado dos conhecimentos de base comuns, que constituem o objeto de um programa definido, as outras atividades poderiam constituir objeto de opções mais flexíveis, concebidas particularmente em função das aptidões individuais do estudante. Os exames poderiam ser reconsiderados nesse espírito, porque não teriam mais como objetivo principal a verificação de um nível de conhecimentos. O sistema de notas durante o ano, que tanto importa para o resultado final, daria, sem dúvida, resultados mais satisfatórios a êsse respeito.

#### B - Tronco comum

A duração do tronco comum teria a vantagem de ser prolongada por dois ou três anos, não podendo a orientação e, sobretudo, a especialização efetuar-se válidamente senão o mais tarde possível.

#### C - Níveis de conclusão; carreiras

Se se quiser evitar que o aumento quantitativo dos estudantes tenha por efeito multiplicar os reveses, será necessário prever diversos níveis de conclusão:

- Aos 16 anos, o que implica uma primeira orientação por volta dos 14 anos;
- Aos 18 ou 19 anos, para aqueles que entram na vida profissional após os estudos secundários;
- Após dois anos universitários com orientação após o ano propedêutico;
- No nível atual da licença (4 anos);
- No nível superior (6 anos e mais).

## RELATÓRIO SINTÉTICO DOS TRABALHOS DO II GRUPO:

## ORIENTAÇÃO

Os debates da primeira sessão plenária haviam permitido situar o tema das reflexões do II Grupo sob luz nova. A orientação aparecia como um meio privilegiado da adaptação do ensino superior às suas próprias finalidades. Era necessário ainda levantar claramente certos problemas: por que, em que condições, quando, como, por quem? As discussões na comissão procuraram aprofundar sensivelmente a noção de orientação.

## I - NECESSIDADE DA ORIENTAÇÃO

Esta necessidade constitui-se, ela própria, em problema, desde que seja ultrapassada a abordagem habitual da orientação concebida como simples organização profissional, informação, guidance ao estudante e em função das carreiras.

A - Objecções

As exposições feitas durante a sessão plenária haviam contribuído para pôr em discussão a noção habitual da orientação e sua necessidade.

- a) Os ensinamentos da prospectiva mostravam o caráter impreciso das previsões de procura de emprego, o caráter ilusório da orientação concebida como adaptação mecânica do ensino superior a necessidades expressas ou exprimíveis. Ainda que se deixasse de lado a noção de procura na direção da de necessidade e a de necessidade na direção da de objetivo, a função de inovação do ensino superior faria dêle, em qualquer condição, coisa diversa de um provedor de necessidades, porque êle próprio é que engendra necessidades e modifica a longo prazo o horizonte econômico ao qual se pretende adaptá-lo.

- b) Os ensinamentos da psico-sociologia revelavam que a estrutura da universidade estava ao serviço de finalidades múltiplas, umas externas (formar profissionais), outras internas (aumentar ao máximo os conhecimentos), e que a universidade, conscientemente ou não, atribuía a si mesma as suas próprias finalidades. Consequentemente, a orientação, concebida como adaptação mecânica a finalidades externas, tinha necessariamente um carácter irrisório.

#### B - Respostas às objeções

Essa necessidade de orientação reaparece, entretanto, sob uma luz nova, desde que se observe que certos mecanismos cegos assumem, com muita frequência, hoje em dia, as funções da verdadeira orientação.

- a) A descrição psico-sociológica da organização de ensino superior, em particular da propedêutica, revela que as vias de acesso, os circuitos, as estruturas, as saídas constituem um sistema de selecção de carácter fortemente eliminatório. Ora, a universidade deve sentir-se responsável, senão pelos reveses, pelo menos por aquêles que sofrem os reveses, e, portanto, responsável pelo conjunto das fontes intelectuais que lhe são oferecidas pelo afluxo dos estudantes. A orientação aparece, então, como a alternativa e a solução capazes de substituir a selecção - eliminação.
- b) A análise do meio económico, de sua evolução dinâmica a curto e a longo prazo, revela que, se a adaptação às necessidades a longo prazo é necessariamente difícil, a necessidade de tal adaptação nem por isso desaparece: uma adaptação mais ou menos satisfatória se realiza em qualquer condição, desde agora, de maneira mais ou menos cega, pelo simples fato das escolhas

dos indivíduos. Tais escolhas são determinadas obscuramente pela idéia de que elas se transformam em necessidades a longo prazo, pela força do passado e das tradições familiares, por fatores ecológicos, tais como o afastamento geográfico, o estado civil, a escolaridade anterior, fatores econômicos tais como as motivações oriundas da pressão ou da expressão das necessidades a curto prazo (procura de engenheiros), por fatores estruturais, como a existência ou a natureza de estruturas predispostas ao acolhimento de certos tipos de profissionais. Assim, as escolhas dos indivíduos constituem em si mesmas um esforço de adaptação ao futuro, mas tal adaptação continua inepta porque as escolhas permanecem insuficientemente esclarecidas. A orientação aparece, então, como a alternativa e a solução de substituição dos determinados inconscientes. O papel da orientação não é determinar o estudante, mas abrir-lhe o campo do possível.

c) Função da orientação

A orientação é necessária desde o instante em que se reconhece nela uma função criadora de liberdade. O II Grupo esforçou-se por precisar de que maneira essa função pode ser assegurada:

- a) Sob o ângulo dos "recursos", em homens, em aptidões intelectuais, em possibilidades de desabrochamento individual que são oferecidas ao ensino superior pelo afluxo dos estudantes: trata-se, para a universidade, de tirar o melhor partido possível desses recursos em vez de confiar em mecanismos cegos de seleção-eliminação ou de orientação espontânea ou de ajustamento pessoal em função do êxito ou do revés.

b) Sob o ângulo dos "empregos", entendidos não somente no sentido das carreiras que serão oferecidas aos estudantes, senão também da forma que é dada, de modo geral, aos "produtos" da universidade, importa que tais produtos sejam capazes de fazer profissionais, que êsses diplomados estejam em condições de adaptar-se às mudanças do horizonte sócio-econômico no qual encontrarão os seus lugares. Se a prospectiva não fornece à universidade uma lista de pedidos que inclua tantos engenheiros, tantos médicos, tantos agrônomos, tantos juristas, etc, permite, não obstante, afastar certos fantasmas (o temor da falta de trabalho intelectual), dissipar certas ilusões (a convicção de que somente os quadros técnicos encontrarão uma forte procura, ao passo que o sector terciário se desenvolverá principalmente na esteira do secundário), imaginar novas necessidades, os empregos em declínio e os empregos em expansão. Ela convida mais geralmente a conceber para êsses produtos propriedades múltiplas, a imaginar formações interdisciplinares. A tarefa da orientação é, pois, fazer surgir para o estudante possibilidades de que êle não suspeitava, alargar o leque das suas ambições e das suas adaptações possíveis.

Em definitivo, a orientação é criadora de liberdade na medida em que, flexível ela própria, permite uma adaptação flexível, fazendo desaparecer a rigidez nas motivações e na organização.

## II - MODALIDADES DA ORIENTAÇÃO

Dessa forma conceituada, a orientação assemelha-se muito pouco aos mecanismos de seleção-eliminação que se descobrem na realidade ou às determinações restritivas que se crê reconhecer na orientação profissional. Criadora de liberdade, supõe a liber-

dade individual, que ela própria ilumina. Liberal, é favorável às tradições liberais da universidade e não se opõe, de modo algum, à pesquisa desinteressada. Ainda que a consulta dos organismos próprios para orientar fôsse obrigatória, não criaria nenhuma obrigação. Importa conceber uma orientação tão flexível quanto possível, a fim de que crie, ela própria, a flexibilidade necessária. Eis porque faz ela exigências quanto às condições do seu exercício, quanto aos meios da sua execução.

#### A - As condições do seu exercício

A organização do ensino superior comporta rigidezes que se opõem a essa adaptação flexível definida como a missão da orientação.

- a) a supressão dos compartimentos estanques é a expressão que melhor resume as exigências da orientação quanto à estrutura do ensino superior. Importa deitar abaixo os compartimentos estanques entre faculdades e ciclos de ensino, a fim de que um engenheiro possa estudar as disciplinas jurídicas, um especialista das ciências humanas possa adquirir uma cultura matemática, o jurista possa ter acesso à faculdade de letras - sem a obrigação de submeter-se ao requisito prévio da propedêutica. É necessário, portanto, preparar corredores de passagem. Mas, como conhecimento prévios continuam sendo necessários em qualquer hipótese, convém criar também cursos de recuperação, ciclos acelerados.
- b) A estrutura das licenças de ensino é em si mesma um fator de orientação pela mesma razão por que o são as exigências dos diretores de pesquisa do terceiro ciclo. Mas conviria reexaminar essa estrutura num esforço de favorecer os ensinamentos interdisciplinares e o reagrupamento em torno de certas disciplinas-chave de outras dis

ciplinas, não somente segundo a fórmula dos institutos especializados e das grandes escolas, senão também dos "departamentos".

c) A supressão dos compartimentos estanques entende-se igualmente do interior para o exterior. Trata-se não somente de permitir que especialistas das ciências humanas ensinem nas faculdades de direito ou que físicos ensinem nas faculdades de medicina, mas ainda de abrir mais o ensino superior aos quadros da economia, associando estes às responsabilidades do ensino e da preparação dos programas. Em sentido inverso, estágios, viagens, visitas deverão permitir que o ensino superior obtenha ligações mais eficazes com a indústria, a administração, o estrangeiro. Parece necessário eliminar tais rigidezes a fim de permitir que a orientação se exerça livremente, isto é, que abra livremente o campo do possível diante dos passos dos estudantes.

d) Parece igualmente desejável que se diversifiquem os níveis de "saída", que se criem níveis intermediários próprios para transformar os produtos "semi-acabados" em produtos utilizados. Pode-se pensar que todos os estudantes que se inscrevem na universidade não têm necessariamente as aptidões requeridas para enfrentar com êxito o ciclo da licença. Pode-se desejar, não obstante, que aqueles que não atingem a licença, atinjam um ciclo mais curto coroado por um diploma de que o DEST oferece exemplo digno de ser generalizado. Assim, o rendimento da propedêutica poderia ser melhorado.

#### B - A Doutrina da orientação:

a) Quer proceda informando sobre as carreiras profissionais e sobre os estudos ou analisando as

aptidões e as motivações do estudante, a orientação, sempre cuidadosa de não criar nenhum determinismo artificial, deveria, segundo parece, utilizar, de maneira conjugada, disciplinas muito diversas: psicologia, docimologia, sociologia, estatística, que esclarecem as escolhas dos estudantes e de seus professores. Deveria utilizar técnicas como previsões sócio-econômicas, técnicas da planificação e da organização, estudo das profissões, orientação profissional; deveria ser dotada dos meios materiais adequados, em aparelhamentos estatísticos, mecanográficos, etc, que se encontram já nos diversos sectores da atividade econômica.

- b) É graças à sua compreensão da totalidade dos aspectos que determinam o horizonte e as finalidades do ensino superior que ela estaria em condições de esclarecer o indivíduo sem jamais dar-lhe conselhos, mas oferecendo-lhe os meios de dominar uma situação de conflito ou de escolha.
- c) Ela pesquisaria as alavancas e as incitações mais apropriadas.

#### C - Quando orientar?

Do que precede resulta que a orientação deveria ser contínua: deveria exercer-se em todos os estágios do ensino, mas principalmente no ponto de junção entre o ensino secundário e o superior: antes da escolha do segundo bacharelado, antes da entrada no primeiro ano do curso superior, isto é, antes da escolha de uma faculdade, e à saída do primeiro ano, antes da escolha de uma orientação precisa. Deveria também permitir as reorientações, as reconversões, os complementos de estudos que parecessem desejáveis.

#### D - A quem orientar?

Essa questão tem retido longamente a atenção do

grupo. Devia ela necessariamente oferecer ocasião para exprimirem-se certos temores, evocarem-se certos riscos, como o de um monopólio tecnocrático ou a tutela dos mestres por organismos de orientação. Não obstante, pareceu possível vencer as oposições, desde que se conceba a orientação como indicada acima. O Grupo considerou como desejável:

- a) que o ensino superior assuma, êle próprio, a tarefa da definição de uma doutrina, a atualização das técnicas, a utilização dos organismos de orientação. Sem isso, ver-se-iam novamente mecanismos acessórios (tais como os conselhos de orientação no 2º grau) pré-determinar a orientação.
- b) Dar à divisão do trabalho o lugar que lhe cabe: são necessários organismos especializados.
- c) Definir uma articulação flexível, instituindo cooperação e consulta mútua entre professores, estudantes, especialistas das técnicas necessárias à orientação, a fim de não sobrecarregar de tarefas inúteis os professores e também não perder de vista as exigências de cada disciplina.